

SÉRIE DISCIPULADO ATIVO

DOUGLAS W. DE ANDRADE

A ARTE DA PATERNIDADE ESPIRITUAL

Discipuladores

longanimidade
paz temperança
amor gozo
paz esperança amor
benignidade



DISCIPULADORES
Copyright 2018 Autor da Fé Editora
Categoria: Vida cristã

Primeira edição – 2018
Todos os direitos reservados.
É proibida a reprodução total ou
parcial sem a permissão
escrita dos editores.

As citações bíblicas foram extraídas
da edição Almeida Revista e Corrigida

Autor: Douglas W. de Andrade

Diagramação: Cainã Meucci

Capa: Daniel Gonçalves

Preparação: Nathália Lambert

Revisão: Matheus Neves

Coordenação editorial: Filipe Mouzinho

► Rua Plácido Covalero, 341 - Jd. São Lourenço
Bragança Paulista - SP - CEP: 12908510

☎ 11 3403 5129

✉ contato@autordafe.com.br

📘 autordafe

📺 autordafeoficial

🖱 autordafe.com.br

“Pois os pais espirituais não serão lembrados pelos prédios, casas, carros e fazendas que construíram e deixaram como herança para seus filhos. Serão lembrados pelos filhos que eles deixaram de herança para Deus usar neste mundo.”

SUMÁRIO

Introdução

- 1 - A sublime arte de amar
- 2 - O conceito de paternidade espiritual
- 3 - Conhecendo a paternidade de Deus
- 4 - O resgate dos princípios da paternidade espiritual
- 5 - Como e por que surgiu a necessidade da
paternidade espiritual no Novo Testamento
- 6 - O que não é paternidade espiritual?
- 7 - Os deveres dos pais espirituais
- 8 - Paternidades espirituais equivocadas
- 9 - Encontrando as motivações certas para gerar
filhos espirituais
- 10 - Gerando filhos espirituais
- 11 - A importância da paternidade espiritual
- 12 - Retórica

INTRODUÇÃO

Em que consiste a paternidade espiritual?

Como é possível, neste mundo que esqueceu de seus valores, falar em paternidade espiritual se nem mesmo podemos ver a paternidade natural sendo exercida de forma correta?

Como dar sentido à palavra pai na atual realidade em que vivemos?

Essas são questões que somente pessoas extremamente comprometidas com Deus e com a sua obra regeneradora podem responder. Essas pessoas somos nós, eu e você, os chamados e escolhidos para exercer essa função tão honrosa, pois fazemos parte de uma geração apaixonada por Cristo. É impossível ser apaixonado por Jesus e não manifestar esse amor investindo em vidas. Se realmente somos apaixonados por Cristo, então amamos a sua obra e abraçamos Sua missão de não perder nenhum dos que o seu Pai lhe enviar. Somos ganhadores de almas para o Reino de Deus, mas não basta apenas ganharmos almas se não formos bons cuidadores e tutores espirituais. Por isso desejamos obedecer a Deus e servir as pessoas segundo a Palavra.

Atualmente, fala-se muito no meio cristão evangélico sobre o termo “Paternidade Espiritual”. É um termo relativamente novo em nossas igrejas, mas que está registrado nas Escrituras, e por isso sabemos que não é um ministério recente. Desde o Velho Testamento, já víamos esse ministério tão importante sendo executado com grande êxito pelos profetas de suas gerações, como Eli foi com Samuel, como Elias foi com Eliseu, como Samuel foi com Saul, Natã foi com Davi, e tantos outros mencionados no Velho Testamento.

No Novo Testamento podemos constatar claramente este ministério sendo de vital importância na vida dos apóstolos. A paternidade espiritual foi exemplificada com o relacionamento de Jesus com seus discípulos, Barnabé com Paulo, Paulo com seus discípulos Timóteo, Tito, Filemom, dentre tantos outros.

Fiz questão de expor esses exemplos encontrados na Palavra de Deus para

demonstrar o quão importante foi a execução da paternidade espiritual na vida dos personagens bíblicos. Eu te incentivo a comprovar essas histórias lendo a Bíblia.

Você certamente não encontrará a frase “Paternidade Espiritual” na Bíblia. O termo é recente, apesar de o ministério ser antigo. Esse termo ganhou popularidade por conta da expansão do sistema do discipulado. Aquele que exerce a paternidade espiritual procura se instalar como um pai ou uma mãe espiritual na vida dos seus discípulos, e aquele que recebe essa cobertura de paternidade espiritual se coloca como filho espiritual. A Bíblia nos ensina a pôr todo conhecimento a prova: *“Por à prova todas as coisas a fim de reter o que é bom e desprezar o que não edifica”*. (1 Tessalonicenses 5:21). Assim como a Bíblia, aconselho você, caro(a) leitor(a), a fazer o mesmo com este livro, que é derivado da Palavra que liberta. Desejo esclarecer qual é a nossa posição, me baseando na Palavra de Deus, acerca desta questão tão importante para a maturidade e consolidação dos novos eleitos por Deus em Cristo Jesus.

A SUBLIME ARTE DE AMAR

*“Um novo mandamento lhes dou: amem-se uns aos outros. Como eu os
amei, vocês devem amar-se uns
aos outros. Com isso todos saberão que vocês são meus discípulos, se
vocês se amarem uns aos outros.” (João 13:34-35)*

Em primeiro lugar, devemos entender que o amor é uma decisão, não uma emoção. O mandamento de amar não é fácil de ser obedecido: amar é uma arte e definitivamente não é uma tarefa fácil, por isso que é uma boa notícia ouvir que esse é um “novo mandamento”. A novidade é que Jesus nos deu um modelo de amor através do seu ministério: devemos amar, disse Jesus, como eu os amei. Jesus estava disposto até a morrer por seu amor por nós. Em comunhão com Ele também descobriremos o poder do amor sacrificial.

Jesus diz que, quando amamos como Ele amou, nos tornamos um poderoso atrativo para aqueles que não conhecem a sua Palavra. Isso por conta da sublime arte de amar que adquirimos quando de fato nos tornamos discípulos de Jesus e assumimos a nossa posição como verdadeiros pais espirituais, executando a paternidade espiritual sobre os novos filhos, que são os ramos enxertados da videira verdadeira. *“Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros” (João 13:35).* Somos filhos de Deus, e é de suma importância que coloquemos em prática a arte de amar, a paternidade espiritual.

Alguns atributos e benefícios do amor e da arte de amar

O amor nos torna pessoas iguais, assim como Cristo demonstrou morrendo por nós na cruz: *“De sorte que haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus, mas esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens, e achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até a morte e morte de cruz.”* (Filipenses 2:5-8).

A arte da paternidade espiritual é a arte de amar. O amor é fundamental para qualquer objetivo na vida cristã. O amor ao próximo busca o bem do próximo, e sua verdadeira medida é o quanto ele dá para esse fim, pois o amor é um princípio de ação, e não de emoção. Amar é ter como propósito honrar e beneficiar a outra parte. É por amor ativo aos outros que os discípulos e seus discipuladores devem ser reconhecidos.

Algumas vezes achamos que o serviço cristão é o único indicador de que estamos crescendo espiritualmente. Na verdade, os nossos relacionamentos humanos são sempre ótimos indicadores de nossa vida espiritual. Jesus veio a este mundo não apenas para nos salvar, mas também para nos mostrar como amar e honrar a Deus e os outros seres humanos.

Quando alimentado, o amor ao próximo torna-se uma fonte certa de adoração a Deus. Se proclamamos o amor de Jesus, com certeza estamos cheios do Espírito Santo de Deus.

O ato de amar que Jesus nos ensina é aquele em que somos voluntários nesse amor. Não amamos para satisfazer o desejo que há em nós: nos comprometemos a amar. Este amor também não é interesseiro ou egoísta. O egoísmo consiste na satisfação pessoal. Se o amor não é um sentimento, mas uma escolha, escolher ser egoísta não irá te satisfazer.

O ato de amar nos faz aceitar ter responsabilidades uns pelos outros. Nós somos responsáveis pela maneira como tratamos o nosso próximo.

O ato de amar nos faz aceitar os que falharam contra nós, Deus espera que

demonstremos um amor perdoador e expressivo àqueles que falharam contra nós ao longo de nossas vidas

O ato de amar nos faz aceitar de forma desinteressada uma relação com o próximo. Não podemos praticar a rejeição, pois ela fere e machuca profundamente as pessoas. Temos que tratar o próximo com amor. Para se aproximar de Deus, é necessário amar ao próximo. Permanecer na presença de Deus é falar gentilmente e nunca fazer fofoca ou desacreditar o seu próximo. Perdoe. Deus deseja que exerçamos misericórdia de forma abundante, assim como a recebemos abundantemente.

O ato de amar nos faz aceitar os nossos inimigos como irmãos. Jesus nos exorta claramente a amarmos aqueles que demonstram animosidade em relação a nós. O verdadeiro amor ao próximo só pode ser vivido por um autêntico discípulo.

O ato de amar não é um sentimento ou uma preferência, mas uma decisão que nos remete a olhar para Jesus como um verdadeiro doador e exemplo de amor.

Nelson Mandela foi o líder do Apartheid, movimento no qual ele defendia os direitos dos negros. Ele deixou grandes marcas na história de seu país, sendo uma delas o amor que ele tinha por seu povo. Ele dizia: “Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender; e, se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar”.

Vamos desde hoje colocar em prática o verdadeiro amor, que é aquele que Cristo nos deixou. Que este amor se faça presente em nossas vidas, em nossas ações, em nosso modo de tratar as pessoas, enfim, em nosso modo de agir e de ser. Que possamos levar em mente o exemplo de amor que Cristo nos deixou na cruz, e que possamos, cada vez mais, tomar iniciativas para demonstrar esse amor magnífico e maravilhoso que muitas pessoas ainda não conhecem.

A arte da paternidade espiritual é amar. Amar o discípulo como se fosse seu filho, cuidar bem dele, ensiná-lo a andar no caminho do Senhor e a

crescer na graça e no conhecimento, até que o discípulo se torne uma pessoa de Deus, pronto e disposto a dar continuidade a este legado de discipulado.

O CONCEITO DE PATERNIDADE ESPIRITUAL

Nossos pais costumavam assumir todas as funções. Eram nossos tutores legais, educadores, faziam nosso direcionamento profissional e vocacional, etc. *“Além do que, tivemos nossos pais segundo a carne, para nos corrigirem, e nós os reverenciamos; não nos sujeitaremos muito mais ao Pai dos espíritos, para vivermos? Porque aqueles, na verdade, por um pouco de tempo, nos corrigiam como bem lhes parecia; mas este, para nosso proveito, para sermos participantes da sua santidade”* (Hebreus 12:9-10). Deus nos educa através da Igreja para a santidade, dando-nos um sentido para a nossa vida.

Atualmente, devido à crise de desagregação da família, a função existencial dos pais é realizada por diferentes pessoas. Assim fica mais difícil fazer uma concepção sólida da vida e da maturidade, pois os jovens hoje crescem sem figuras que são essenciais.

Muitas famílias são desagregadas e contam só com a figura materna ou paterna. Frequentemente a função existencial de paternidade é exercida por outros familiares, às vezes até por irmãos menores de idade que também foram negligenciados. Desta forma, a mente da criança deteriora e não reconhece a imagem de um adulto com caráter. Será que estamos criando uma geração de órfãos?

Jesus disse: *“Não vos deixarei órfãos. Voltarei a vós”* (João 14:18). Ser órfão é não ter pai ou mãe. Onde podemos encontrar a presença dessas figuras? Em Jesus, que nos abençoa com pais espirituais.

Precisamos resgatar o papel do homem como pai na nossa cultura, nas nossas famílias e na Igreja. Em que consiste o amor paterno, para que possamos reconhecer a presença de Jesus nos sacerdotes?

O amor paterno é feito de estímulo e solicitude. O pai vê, ouve, confere, emite um parecer, dá segurança ao filho, comunica vida e ensina. Assim, o pai se torna modelo para o filho que o observa. Na Bíblia, vemos que Deus é

Pai de Jesus: *“Eu falo o que vi junto de meu Pai; e vós fazeis o que ouvís de vosso pai”* (João 8:38). O sacerdote exerce essa função quando nos atende individualmente na confissão, nos ouvindo e orientando.

O pai provê, patrocina, providencia, ampara, protege e guarda o filho. O pai deve ser como um forte, um protetor. Isso dá segurança ao filho. *“Meu Pai, que me deu tudo, é maior que todos, e ninguém pode arrebatá-lo da mão do Pai. Eu e o Pai somos um”* (João 10:29-30). O sacerdote faz isto quando cuida da paróquia, das pastorais e protege a vida, orientando com sua autoridade de pastor.

Deus é o Pai Eterno: *“Deus é nosso refúgio e nossa força, um socorro sempre alerta nos perigos. E por isso não tememos se a terra vacila, se as montanhas se abalam no seio do mar”* (Salmos 46:1,12).

“Eu te amarei, ó SENHOR, fortaleza minha. O Senhor é o meu rochedo, e o meu lugar forte, e o meu libertador; o meu Deus, a minha fortaleza, em quem confio; o meu escudo, a força da minha salvação, e o meu alto refúgio.”
(Salmos 18:1-2)

O pai estimula, impulsiona o filho a seguir em frente. Mas não faz isso apenas pelo filho: também visa a sua responsabilidade de honrar a posição que tem. O pai dá ordens ao filho, exerce sua autoridade de fazer. Jesus declarou: *“Meu Pai trabalha sempre, e eu também trabalho”* (João 5:17). *“E quem me enviou está comigo. Não me deixou sozinho, porque faço sempre o que lhe agrada”* (João 8:29).

Os pais espirituais precisam incitar a fé em seus filhos a fim de evangelizá-los. Devem estimular, orientar e ensinar a política espiritual.

O pai sempre quer fazer o seu filho crescer. Até mesmo o Senhor Deus enviou seu amado filho ao mundo com a missão de resgatar a amizade do homem com Ele. Deus fez o nome de Jesus crescer, de forma que não existe nome que esteja acima do seu. Assim é todo aquele que se deixa ser usado por Deus no ministério paternal. O Senhor resgata, ama, gera e cuida do seu filho na fé, até levá-lo à plena maturidade espiritual.

É dever do pai repreender e educar seu filho. *“Porque o Senhor corrige o que ama. E açoita a qualquer que recebe por filho. Se suportais a correção, Deus vos trata como filhos; porque, que filho há a quem o pai não corrija? Mas, se estais sem disciplina, da qual todos são feitos participantes, sois então bastardos, e não filhos”* (Hebreus 12:6-8).

Alguns pais espirituais, por uma má compreensão do ministério, se tornam estéreis, quase que incapazes de dar afeto e assumirem a posição de pais. Essas pessoas não se prepararam adequadamente para amar em nome de Deus e exercer a paternidade espiritual esperada por Ele. Assim, o ministério se enfraquece e quase morre, uma vez que o escolhido não assume seu ministério.

A paternidade espiritual é uma conquista pessoal de cada discípulo. Aos poucos o escolhido vai aprendendo a pastorear e a amar como pai a todos os tipos de pessoas que Deus lhe entregar. O pai espiritual deve estar emocionalmente comprometido com a obra do Pai, a ponto de sentir as dores Dele.

O pai espiritual deve contar com o poder do Espírito Santo para exercer uma paternidade vivida na Fé, em prol do seu ministério. Fazer discípulos também é exercer a paternidade espiritual. *“Não fostes vós quem escolhestes a mim, mas eu escolhia a vós”* (João 15:16).

CONHECENDO A PATERNIDADE DE DEUS

Não é possível falarmos de Paternidade Espiritual sem mencionarmos o imensurável amor de Deus. Ele quer exercer sua paternidade em nossas vidas através de Jesus Cristo e de sua Palavra, que é a válvula propulsora que nos impulsiona através do seu Espírito para a salvação em Cristo Jesus, que nos conforta, nos encoraja e fortalece o nosso coração e a nossa mente, nos dando estrutura espiritual para continuarmos a nossa caminhada terrena como filhos de Deus.

O Senhor é um Pai cujo amor excede infinitamente o amor de mãe. O amor de mãe é secundário, enquanto o amor de Deus é primário. Precisamos ver algumas características desse Pai tão amoroso, cuja natureza é amor (1 João 4:8). Neste tópico, vamos considerar três traços da paternidade de Deus, bem como a nossa resposta como filhos que buscam ser obedientes a Ele.

A paternidade espiritual exercida desde o jardim do Éden

O primeiro a ser discipulado e receber a paternidade espiritual foi Adão, e seu pai espiritual foi o próprio Deus. O próprio Senhor exerceu a paternidade espiritual sobre a sua primeira criação humana. Mesmo depois de criar Eva para Adão, o Senhor continuou exercendo a paternidade espiritual sobre Adão, e essa paternidade também se estendeu sobre Eva, pois disse Deus: *“Tenham muitos e muitos filhos; e se espalhem-se por toda a terra”* (Gênesis 1:28).

A Palavra descreve o momento em que Deus foi ao jardim do Éden, na virada do dia, para se encontrar com Adão. Imagine só, que momento maravilhoso, poder ter um encontro particular com seu discipulador.

Se na terra podemos desfrutar de paisagens lindas como a de um entardecer, imaginem quão lindas deviam ser aquelas tardes no jardim. Criador e criatura andando juntos, lado a lado, conversando, interagindo e se relacionando, num discipulado cordial e pleno. A Palavra nos relata que todos os dias, na virada do dia, o Senhor Deus ia conversar com Adão, para ver como iam as coisas.

Olha só, que lindo, que relacionamento maravilhoso. E Adão o recebia e lhe mostrava tudo. Podemos então vislumbrar essa cena: o Senhor Deus, andando ao lado de Adão, com suas mãos para trás, andando e conversando a respeito de toda a sua maravilhosa criação que entregara aos cuidados de Adão. O homem, por sua vez, com seu braço direito e o seu dedo indicador estendido, apontava para tudo o que ele queria mostrar para o seu Pai Espiritual, a fim de que o seu discipulador ficasse impressionado.

“Hoje os cavalos correrão por toda a extensão do jardim, Pai. Os passarinhos irão voar por toda floresta, cantando. Os animais felinos brincarão por toda a relva. Veja como o lobinho não deixa o leão em paz, fica mordendo as orelhas dele o dia todo”.

Imaginem isso! O Senhor Deus falando de seus planos para Adão, que tinha o privilégio de ouvi-lo falar com tanto carinho, apreço e orgulho, de toda a sua maravilhosa criação. Pense em Deus exercendo a sua paternidade

espiritual sobre Adão e compartilhando seus planos com ele. Com toda certeza deve ter sido muito maravilhoso essa época, até que, durante uma virada de dia, o Senhor foi encontrar Adão e nos descreve a seguinte cena:

“E ouviram a voz do Senhor Deus, que passeava no jardim pela viração do dia; e esconderam-se Adão e sua mulher da presença do Senhor Deus, entre as árvores do jardim. E chamou o Senhor Deus a Adão, e disse-lhe: Onde estás? E ele disse: Ouvi a tua voz soar no jardim, e temi, porque estava nu, e escondi-me. E Deus disse: Quem te mostrou que estavas nu? Comeste tu da árvore de que te ordenei que não comesses?”

(Gênesis 3:8-11)

Conhecemos o desfecho lamentável dessa história verídica. Adão e Eva foram expulsos do jardim do Éden, e tiveram que sobreviver à sua própria sorte, tudo por causa da desobediência. Eles sentenciaram tudo e todos sobre terra ao pecado.

Mesmo assim, o Senhor Deus não os abandonou totalmente. O pecado deles fazia divisão entre eles e Deus, mas o Senhor Deus mantinha contato, mesmo que raramente, com Adão e seus filhos.

Se trouxermos essa narrativa aos dias de hoje, logo percebemos que é assim que um discipulador acaba tendo que agir. Ele se vê obrigado a deixar o discipulado daquela pessoa que transgrediu as regras de maneira drástica, através de uma desobediência constante, mesmo depois de muitos avisos e advertências quanto ao seu mal comportamento.

De vez em quando somos obrigados nos apartar de determinadas pessoas que não conseguem se manter na lealdade do vínculo do discipulado. Essa pessoa perde a companhia e a segurança da paternidade espiritual. Aqueles que se prestaram a ser pais espirituais acabam, por algum tempo ou para sempre, tendo um vínculo com aquele filho na fé. Deus é amor, e este é o seu maior exemplo.

A Paternidade de Deus se conhece pelo seu amor, que é sua maior característica. Há um texto clássico na Palavra que diz: *“Pode uma mulher esquecer-se do filho que ainda amamenta, a ponto de não se compadecer do*

filho do seu ventre? Mas ainda que ela se esquecesse, eu não me esquecerei de ti” (Isaías 49:15). O amor de Deus é infinitamente maior do que o amor de uma mãe. O Seu amor cria, salva, santifica e glorifica aquele que crê, e ele também corrige com firmeza e zelo (Hebreus 12:6). O amor do Pai é um amor encorajador, pois “Ele dá força ao cansado e fortalece o que não tem vigor, os jovens se cansarão e se fatigarão, e os moços cairão, mas os que esperam no Senhor renovarão as suas forças, subirão com asas como águias; correrão e não se cansarão; andarão e não se fatigarão” (Isaías 40:29-31).

Na parábola do filho pródigo (Lucas 15:11-32), nós temos um pai de amor extravagante, incomparável, que perdoa, recebe, se alegra e dá festa pela volta do filho que estava perdido. A sua natureza é regenerar vidas, e Ele é o autor da salvação, mas há outras características da sua paternidade que precisamos conhecer: a paternidade de Deus se conhece pela sua verdade absoluta.

O nosso Deus é vivo e verdadeiro. A experiência de Elias diante dos 450 profetas de Baal revela a verdade de Deus em contraposição à mentira do homem (Reis 18:20-39). Jesus sempre manifestou a coerência do Pai. Toda a vida de Jesus Cristo foi a verdade do Pai revelada em carne e osso (João 14:6). Ele é a imagem visível do Deus invisível (Colossenses 1:15). Jesus Cristo cumpriu toda a escritura, a sua revelação é a verdade absoluta.

Todo o ministério de Jesus, o Filho, foi fundamentado na coerência do Pai. O filho é a verdade do Pai personificada em homem. Todos os milagres de Jesus foram feitos com base nessa realidade: o Pai revelou no Filho toda a verdade do evangelho, que sempre foi um contraponto à mentira e à hipocrisia da religião sistemática, preconceituosa e escravizadora, representada pelos religiosos judeus. Deus, o Pai, revelou a sua plenitude de amor no ministério do Filho, e podemos testemunhar a verdade absoluta por meio da fé. Essa verdade absoluta nos leva a conhecer outra característica muito importante do nosso Pai: sua santidade.

A paternidade de Deus se conhece pela sua santidade

“Sede santos, porque eu, o Senhor vosso Deus, sou Santo.”

(Levítico 19:2)

O fundamento para sermos santos é a santidade de Deus, nosso Pai. A santidade é seu atributo moral. De Gênesis ao Apocalipse temos um Pai santo, e devemos ser santos em todo o nosso procedimento (1 Pedro 1:16). Esta é a palavra segura de Pedro ao receber o chamado profético. Isaías teve a visão da santidade de Deus (Isaías 6:1-8) quando os anjos declararam entre si ou uns aos outros: “Santo, Santo, Santo é o Senhor dos Exércitos (Isaías 6:3).

É maravilhoso sabermos que o nosso Pai é Santo. Ele é o nosso modelo de santidade. Devemos sempre olhar para o nosso Pai através do Filho pela revelação das Escrituras e nos moldarmos para que a sua presença seja manifestada em nós. Não há outra forma de representá-lo ou fazer com que as outras pessoas o reconheçam em nós, pois está escrito: “*Sem a santificação ninguém verá o Senhor*” (Hebreus 12:14).

Deus disse a Josué que o povo deveria se santificar antes de atravessar o rio Jordão nas suas cheias (Josué 3:5), pois a santificação do povo era a condição essencial para que eles recebessem a presença de Deus, manifesta em seu meio.

Eles foram obedientes à determinação do Pai, e conseqüentemente foram abençoados. Há muitos insucessos em nossa vida espiritual porque vivemos uma vida profana, carnal e centrada em nossos desejos íntimos. O nosso Pai não aceita a posição do lado de fora, apenas aceita ocupar o centro de nossas vidas. Ele deve ser sempre a nossa prioridade constante. Para que isso venha a ser um fator fixo em nossas vidas, nós que já somos ou desejamos ser pais espirituais precisamos viver no temor do Senhor, segundo seus princípios.

O RESGATE DOS PRINCÍPIOS DA PATERNIDADE ESPIRITUAL

Deus procura homens, mulheres e jovens para transformá-los em pais espirituais, em intercessores que se colocam na brecha por uma causa nobre, para ajudar uma geração que está sendo destruída pelos vícios, como o vício em pornografia, em imoralidades como a homossexualidade, caindo assim em depressão, sentindo amargura e recorrendo ao suicídio.

Pessoas que estão dispostas a se tornarem pais espirituais devem abrir mão de si mesmas para o bem dos eleitos do Senhor.

A ideia de Deus é de que os pais façam o que Ele fez. Deus abriu mão de si próprio por amor aos seus filhos que haviam se perdido. Jesus também deu exemplo de Paternidade Espiritual ao discipular os seus discípulos, deixando um legado de paternidade que foi passado de geração a geração, até chegar aos dias de hoje. Jesus também nos deixou seu exemplo ao abrir mão de sua própria vida para nos salvar da morte e da condenação eterna, e isso deixa claro que pais espirituais são pessoas dispostas a sofrer pelos seus filhos, negando a si mesmos pelo bem do seu próximo.

O principal alvo de um verdadeiro pai não é a sua própria felicidade, mas a segurança, o conforto e a alegria de seus filhos. Um grande exemplo disso foi o ato do Senhor nosso Deus ao nos comprar com a intenção de nos tornar seus filhos espirituais. Ele fez isso através de Cristo Jesus, que hoje é representado por sua Palavra. E todo aquele que abraça a sua Palavra de salvação anda de braços dados com Jesus.

O amor ímpar de Deus, chamado amor ágape, foi o que o motivou a nos adotar como filhos. Deus não fez isso pensando em si mesmo, mas em nós. Ele sabia o que seria requerido Dele ao nos receber como filhos, e mesmo assim o Senhor não abriu mão de nós. Essa é a convocação de Deus para aqueles que desejam exercer a função de pais espirituais. Você deve abnegar a si mesmo, ou seja, doar o seu tempo, que já não é muito, para cuidar de outras vidas, sempre com amor e muita dedicação, pois os pais espirituais não serão lembrados pelos prédios, casas, carros e fazendas que construíram e

deixaram como herança para seus filhos. Serão lembrados pelos filhos que eles deixaram de herança para Deus usar neste mundo.

A família espiritual

“Por esta razão dobro os meus joelhos perante o Pai, do qual toda família nos céus e na terra toma o nome” (Efésios 3:14-15). A palavra família vem do termo *“pater”*, ou *“pátria”*, que dá origem à palavra paternidade. Poderíamos dizer então que toda paternidade nos céus e na terra toma o nome de Deus, que dá seu nome a todas as paternidades.

Quando Deus decidiu formar para si um povo, Ele sabia que precisava de um homem no qual pudesse colocar a sua qualificação. Ele queria que esse homem pudesse perpetuar sua paternidade sobre a terra. Assim está escrito: *“Porque eu o tenho conhecido, que ele há de ordenar a seus filhos e a sua casa depois dele, para que guardem o caminho do Senhor, para praticarem retidão e justiça, a fim de que o Senhor faça vir sobre Abraão o que a respeito dele tem falado”* (Gênesis 18:19).

Deus escolhe a Abrão, “pai exaltado”, e faz dele Abraão, “pai de nações”. Deus sabia que uma pátria se forma a partir de uma paternidade, de um pai capaz de ordenar sua casa, seus filhos e até as gerações seguintes (através de sua memória e seu legado).

Foi assim com Abraão. Sua memória experimenta até hoje a fidelidade do Senhor, que nos escolheu como seus eleitos. Somos todos filhos de Abraão, segundo a promessa feita a ele no princípio dos tempos.

É importante ressaltar que, por muito tempo, as funções ministeriais dentro da Igreja Cristã eram exclusivas para os homens, e as mulheres apenas ajudavam na decoração do santuário e na educação das crianças. Isso mudou, e as mulheres estão agora como coerdeiras da mesma graça de vida em Cristo Jesus, ministrando com autoridade sobre os altares e assumindo sua herança no ministério de paternidade espiritual.

As mulheres são mães espirituais, que seguem discipulando e consolidando vidas, ganhando almas através de Cristo para o Reino de Deus. Ele espera pacientemente por pais espirituais que assumam seus postos, exercendo plenamente o sacerdócio de paternidade espiritual.

Ainda há os profetas, que representam Deus diante da família. Eles buscam

a direção do plano eterno para revelar o que está por vir às pessoas que estão ao seu redor. Assim os estabelecem como reis, debaixo da autoridade divina, exercendo uma liderança ativa em casa, de forma a inspirar as futuras gerações, educando-as nos caminhos do Senhor. Quanto a nós os chamados e eleitos, seguimos exercendo a paternidade espiritual que nos foi proposta.

O que é paternidade espiritual?

Segundo o Dicionário Strong, o termo grego usado por Paulo para “filho” denota ser um “nome transferido para aquele relacionamento íntimo e recíproco formado entre os homens pelos laços do amor, amizade e confiança, da mesma forma que pais e filhos”.

No Novo Testamento, alunos ou discípulos são chamados de filhos por seus mestres. Isso por que os mestres educam as mentes de seus alunos e moldam seus caracteres. A paternidade espiritual bíblica é um vínculo de relacionamento, no qual o cristão se sente profunda e intimamente ligado e comprometido a ajudar outro cristão a amadurecer em sua vida com Deus.

Ainda que o novo nascimento espiritual seja obra exclusiva do Espírito Santo, o novo convertido precisa da ajuda de alguém mais maduro, que conheça a Palavra e o ajude a dar os primeiros passos na fé. Este relacionamento é a paternidade espiritual.

Um manto de autoridade espiritual

O ministério de paternidade espiritual, nos eleva a um patamar de autoridade sobre outras pessoas. No entanto, é importante saber que só existe um pai: aquele que está no céu. A Palavra nos orienta que ele é o único e verdadeiro Pai. Contudo, a paternidade espiritual é a cobertura coletiva de liderança, que age com o objetivo de servir como guia de uma geração que se desvia dos caminhos do Senhor.

Todas as pessoas que receberam um novo nascimento são vistas por Deus como crianças espirituais, que ainda não sabem andar pela fé, que não sabem se portar ou se defender espiritualmente. Suas vidas foram zeradas, e todas essas pessoas, independente de idade ou condição social, se tornaram criancinhas indefesas nesta nova caminhada. Essas crianças precisam de cuidados exclusivos de pais espirituais especiais, pais estes que jamais se esquecem de que há um Pai muito zeloso no céu, que as ama e as defende.

COMO E POR QUE SURTIU A NECESSIDADE DA PATERNIDADE ESPIRITUAL NO NOVO TESTAMENTO

Os primeiros cristãos eram frequentemente rejeitados por suas comunidades e repudiados por suas famílias. Diante disso, os líderes cristãos daquela época, os discípulos de Jesus, deram continuidade ao sistema adotado por Cristo, que já existia desde a época de Abraão.

Abraão decidira apadrinhar Ló, trazendo-o para junto de si e cuidando dele como se fosse seu filho. Assim, Abraão aplicara ao seu relacionamento com Ló o sistema de paternidade espiritual. Vendo o sofrimento de todos aqueles novos convertidos, que não tinham para onde ir ou em quem se apoiar, a igreja primitiva tinha a oportunidade de ajudar a discipular novos integrantes do caminho, e com isso eles experimentaram a presença e o poder de Deus atuando em suas vidas de pais espirituais.

Essa tarefa envolvia a participação ativa (e geralmente diária) nas vidas dos filhos espirituais. O aconselhamento era contínuo. Discutia-se sobre como viver em comunidade.

Paulo foi um exemplo de pai espiritual em sua época. Ele exerceu seu ministério de paternidade espiritual com grande amor. Tito, Timóteo e Onésimo com certeza não eram filhos biológicos de Paulo, mas ele os considerava como filhos espirituais. Ele se refere a Tito como um verdadeiro filho da fé (Tito 1:4), e a Timóteo como um filho amado (1Timóteo 1:2 \ 2Timóteo 1:2). Em outra carta, o apóstolo diz: “Peço-te por meu filho Onésimo, que gerei nas minhas prisões, e isso porque o discipulava através de cartas (Filemom 1:10). Na maioria das vezes era desta maneira que o apóstolo Paulo exercia sua Paternidade espiritual sobre os membros das igrejas.

Paulo usa este mesmo termo quando fala aos cristãos de Corinto, dizendo:

“Não estou tentando envergonhá-los ao escrever estas coisas, mas procuro adverti-los, como a meus filhos amados. Embora possam ter dez mil tutores em Cristo, vocês não têm muitos pais, pois em Cristo Jesus eu mesmo os gerei por meio do evangelho” (1 Coríntios 4:14- 5). Para o apóstolo, este termo traduz um profundo sentimento de afeto pessoal e responsabilidade em ajudar estas pessoas a obter um desenvolvimento espiritual contínuo, verdadeiro e sólido.

A necessidade de pais espirituais nos dias atuais

Atualmente existem milhões de convertidos no Brasil, mas a maioria deles não possui alguém que os ensine a caminhar, passo a passo, para a completa conversão. Por isso há muitos que se converteram há anos, mas que ainda são espiritualmente imaturos. Como alguém já disse: “O evangelho no Brasil possui muitos quilômetros de extensão, mas apenas alguns centímetros de profundidade”.

Precisamos urgentemente de homens e mulheres dispostos a assumir o posto de pais espirituais. Buscamos garantir que cada novo convertido tenha um “pai” ou uma “mãe” que os ensine, desde o início, a como caminhar em santidade, sempre com amor por Jesus e por sua Palavra.

Oramos para que Deus levante em nosso meio homens e mulheres de Deus, com vida de oração, firmes, convictos, ousados e conscientes em sua fé. Esses fiéis devem ser capazes de aplicar disciplina, exortar com amor, graça e misericórdia. Essas pessoas estarão se propondo a pagar um preço alto na difícil tarefa de serem verdadeiros pais na fé de outras pessoas, a ponto de torná-los homens e mulheres de Deus.

A paternidade espiritual deve ser mais que um título a ser adquirido. Como vimos, a paternidade espiritual é muito mais do que apenas um título vazio: é uma vida de amor e dedicação aos seus filhos na fé. Em Mateus 23:9, Jesus repreende os líderes de sua época que utilizavam o título de “mestres” e “pais” de forma abusiva, para sustentar uma falsa religiosidade. A crítica de Jesus era que eles desejavam ser reconhecidos como líderes, mas não praticavam o que pregavam (Mateus 23:3).

Os pastores não precisam levantar pais espirituais em suas igrejas apenas para dizer que os têm. Uma vez que o termo é bíblico, não faz mal usá-lo, desde que façamos também o uso do mesmo modelo prático de amor, cuidado, serviço e ensino.

O QUE NÃO É PATERNIDADE ESPIRITUAL?

Antes de qualquer coisa é preciso esclarecer que não é possível que uma pessoa seja gerada espiritualmente por outra, ou nasça espiritualmente de outro indivíduo, sem uma base cristã focada no evangelho de Jesus Cristo. Esse renascimento deve acontecer fundamentado na Palavra.

Se as pessoas que desejam se tornar pais espirituais não possuem respaldo bíblico, devem ser rejeitadas. Jesus explicou isso claramente a Nicodemos quando disse que “o que nasce da carne é carne, mas o que nasce do Espírito é Espírito” (João 3:6). Todo nascimento espiritual é realizado por Deus, pela Sua soberana vontade, através do Espírito Santo. Ou seja, é impossível uma pessoa ser gerada como filho espiritual se aquele que busca gerá-lo não o fizer no espírito, moldando-o segundo a Palavra de Deus.

A Palavra de Deus nos adverte, dizendo: “Contudo, aos que o receberam, aos que creram em seu nome, deu-lhes o direito de se tornarem filhos de Deus, os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus” (João 1:12).

“Respondeu Jesus: Digo-lhe a verdade, ninguém pode entrar no Reino de Deus, se não nascer da água e do Espírito.”

(João 3:5)

“Isso é verdadeiro, pois é o Espírito que vivifica. A carne para nada se aproveita, as palavras que eu vos tenho dito são espírito e são vida.”

(João 6:63)

“Ele vos deu vida, estando vós mortos nos vossos delitos e pecados.”

(Efésios 2:1)

“Todo aquele que crê que Jesus é o Cristo é nascido de Deus.”

(1 João 5:1)

Entendemos que um pai espiritual deve necessariamente apresentar traços espirituais do Pai Celestial. Sendo assim, rejeitamos qualquer ideia de que um ser humano sem senso espiritual verdadeiro exercerá, por qualquer motivo, algum tipo de poder espiritual sobre outra pessoa.

Se não há respaldo baseado no amor de Cristo, reprovamos qualquer prática que exerça opressão, incitação e imposição de autoridade sem respaldo da Palavra de Deus.

Não podemos aceitar membros congregacionais que se sujeitam debaixo de um julgo desigual. Não podemos buscar exercer autoridade sobre outras pessoas se não andamos no mesmo Espírito que a nossa igreja. Se apresentamos uma atitude suspeita, aqueles que se sujeitarem à nossa paternidade espiritual também copiarão as nossas atitudes incoerentes. Por exemplo: se sou murmurador e falo mal do meu pastor, da igreja e dos seus membros sem apresentar um pinga de temor, com toda a certeza os meus filhos na fé também serão murmuradores, herdando assim o meu DNA espiritual.

Se não houver uma intervenção, em vez de estar guiando uma alma, eu estarei conduzindo-a ao inferno. Isso é responsabilidade daquele que assumiu o cargo. A paternidade espiritual só pode ser assumida por alguém realmente espiritualmente maduro em suas atitudes, e isso não tem nada a haver com amadurecimento de idade.

Ser maduro espiritualmente está ligado ao comportamento espiritual e psicológico. Um bom medidor para essa maturidade espiritual/psicológica é o temor a Deus. Para ser um pai espiritual o indivíduo deve, antes de qualquer coisa, buscar sabedoria da Palavra de Deus. Apenas a Bíblia deve ser usada para alimentarmos nossos filhos, pois ela os ensina que o temor a Deus é o princípio da sabedoria (Provérbios 9:10).

“O temor do Senhor é o princípio da sabedoria; revelam prudência todos os que o praticam.”

(Salmos 111:10)

Quem não teme o Senhor não respeita seus princípios, e segue por

caminhos que os levam à ruína. O pai espiritual deve querer estar com Deus. Só assim pode assumir responsabilidades paternais como o discipulado.

Não se preocupar com os princípios de Deus é uma postura insensata. Somente Deus sabe o que é melhor para nós. A Palavra diz que aquele que quer começar a viver de forma sábia precisa temer a Deus.

Temer ao Senhor não é ter medo Dele, mas sim respeitar profundamente seus princípios e sua autoridade. Aquele que teme a Deus respeita seus princípios e sua autoridade, além de possuir um desejo real de agradá-lo. Temor a Deus é uma decisão que nos fará odiar o mal e amar a justiça. Isso nos colocará em uma posição privilegiada, pois seremos munidos de sabedoria e usufruiremos do melhor de Deus para nossas vidas.

A partir do momento em que tememos a Deus, nossas decisões e escolhas se tornam saudáveis e mais sábias. O temor de Deus é como o oxigênio para a vida daqueles que são discípulos de Cristo. Sendo assim, aqueles que se dizem cristãos e discípulos mas que não se preocupam com sua postura diante do mundo e continuam agindo de forma incoerente aos moldes da Palavra, sem temor a Deus, de fato não estão aptos para assumir este ministério de paternidade espiritual. Pessoas assim precisam se tornar discípulos, para então serem cuidadas e, somente depois disso, pensarem em cuidar de outros discípulos de Cristo.

As três paternidades reconhecidas no mundo

O pai progenitor é aquele que gera filhos biológicos. O pai protetor assume a paternidade, mesmo que não tenha gerado seus filhos. Ele assume a responsabilidade de proteger, alimentar e educar a criança. Esse pai pode ser distante e afastado, pouco envolvido, deixando a maior parte dos cuidados dos filhos com a mulher.

Por fim, há o pai que protege e providencia, mas que também desenvolve um relacionamento com seus filhos. Esse pai brinca, passeia, ensina, adverte e disciplina. Da mesma forma, esse tipo de paternidade da família natural também precisa acontecer na igreja, com a família espiritual. O pai espiritual investe em seus filhos, dando-lhes carinho e disciplina, o que os leva ao pleno

conhecimento da verdade.

Foi feita uma pesquisa que comparou amor versus disciplina paterna em quatro países. Nos quatro países foi constatado que o melhor pai era aquele que demonstrava amor e disciplinava ao mesmo tempo. É o chamado “pai de autoridade”. Por outro lado, o pior pai era aquele que só disciplinava e não demonstrava amor, o chamado “pai autoritário”.

Esse estudo não deve surpreender os conhecedores da verdade que liberta, a Palavra de Deus, pois foi isso o que o apóstolo Paulo disse em Efésios 6:4: *“Pais, criai os vossos filhos na admoestação e na disciplina do Senhor”*. É o equilíbrio que encontramos em 1 Coríntios 4:14, trecho no qual Paulo fala da exortação feita a filhos amados. Também lemos coisas parecidas em Hebreus e em Provérbios: *“E já vos esquecestes da exortação que argumenta convosco como filhos: Filho meu, não desprezes a correção do Senhor, E não desmaies quando por ele fores repreendido; porque o Senhor corrige o que ama, E açoita a qualquer que recebe por filho. Se suportais a correção, Deus vos trata como filhos; porque, que filho há a quem o pai não corrija?”* (Hebreus 12:5-7).

Segundo a Palavra, o pai que não disciplina não ama seus filhos. Ama mais a si mesmo, sua popularidade e seu conforto do que o seu próprio filho. Não quer se arriscar, não quer lidar com confusão, não quer o trabalho de exortar, confrontar, contrariar, disciplinar, alcançar o coração de seu filho. Foi o que aconteceu com Eli no Velho testamento. Aquele líder espiritual do povo de Deus foi reprovado porque não repreendia seus filhos, ele os condenou à morte prematura pela falta de disciplina.

A disciplina é absolutamente necessária da parte de um pai espiritual aos seus filhos na fé. O pai espiritual que não se preocupa com seus filhos o suficiente para adverti-los e discipliná-los não os ama de verdade.

Disciplina não visa envergonhar. Paulo não disciplinava para se vingar dos coríntios. Quando disciplinamos nossos filhos, não procuramos puni-los, mas corrigi-los, para que não se submetam a um jugo desigual num futuro não muito distante. Não os expomos publicamente, pois esse procedimento é de quem não conhece o que é amar de verdade. A disciplina do pai envolve

alguns elementos que devemos conhecer.

Admoestação: a palavra traz a ideia de inserir uma verdade na mente ou disciplinar um comportamento contrário aos que foram previamente ensinados.

Envolve advertência e confrontamentos. Tentamos mostrar à pessoa disciplinada um princípio que há de proteger o filho espiritual (1 Tessalonicenses 5:13-14). A base dessa exortação espiritual sempre é a Palavra de Deus, pois está escrito: *“Toda Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça”* (2 Timóteo 3:16).

Neste relato bíblico, Paulo nos mostra que eles estavam desafiando o pai e a sua autoridade com seus comportamentos incoerentes. Por isso Paulo nos deixa claro que não só faz ameaças: *“Castiga o teu filho enquanto há esperança, mas não deixes que o teu ânimo se exalte até o matar”* (Provérbios 19:18).

A disciplina bíblica providencia uma dor artificial, sob medida, para ensinar que as consequências do pecado doem. O pai espiritual, como o pai de família natural que não disciplina, condena seu filho a uma doença psicológica, que o torna incapaz de aceitar correções e incapaz de adquirir maturidade, mesmo em fase adulta.

A falta de disciplina por parte dos pais espirituais conduz os filhos na fé à lepra espiritual, tornando-os doentes, insensíveis à disciplina espiritual e incapazes de sentir a presença do Espírito Santo.

Essa lepra espiritual da qual estou falando é como um câncer que age espiritualmente e que vai nos devorando pouco a pouco. Deve haver uma intervenção por parte de um dos pais espirituais, aplicando a disciplina adequada que os conduzirá a uma vida de sabedoria. Não tenha medo de disciplinar seus filhos espirituais. Como diz a velha máxima: *“Quem ama cuida!”*. Quando o assunto é paternidade espiritual, essa máxima tem um peso de glória.

Na igreja, como na família, não nos cansamos das exortações, das advertências e das preocupações dos nossos líderes espirituais ou dos nossos pais espirituais. Se somos pais espirituais verdadeiros, que realmente se preocupam com a questão moral de nossos filhos espirituais, então não deixaremos de fazer exortação mútua. Devemos saber aplicar e receber disciplina.

Se você que é jovem percebe seu amigo deslizando na fé a ponto de cair, não espere que ele caia. Vá atrás dele e o corrija. Somos responsáveis uns pelos outros. Este é o desejo de nosso Pai Celestial: que cuidemos uns os outros. Se os pais de família natural não deixam de disciplinar seus filhos, por que é que nós, que assumimos a paternidade espiritual, não iremos disciplinar nossos filhos?

Não caia na onda daqueles “especialistas” que dizem que contrariar ou disciplinar seus filhos causará traumas em suas vidas. O maior trauma vem quando não há disciplina.

Para te deixar em paz em relação a esse assunto, irei mencionar alguns versículos bíblicos. *“Educa a criança no caminho em que deve andar; e até quando envelhecer não se desviará dele”* (Provérbios 22:6). Ensinar é disciplinar. *“O que não faz uso da vara odeia seu filho, mas o que o ama, desde cedo o castiga”* (Provérbios 13:24). *“A vara e a repreensão dão sabedoria, mas a criança entregue a si mesma, envergonha a sua mãe”* (Provérbios 29:15).

Estudos indicam que pessoas que foram abusadas ou que foram vítimas de violência quando crianças são seis vezes mais propensas a repetir o comportamento de seus pais quando se tornarem adultas. A Palavra de Deus nos adverte: *“...E vós, pais, não provoqueis à ira vossos filhos, mas criai-os na disciplina e na correção aos modos do Senhor”* (Efésios 6:4).

Os pais não devem abusar da autoridade para com seus filhos, principalmente os espirituais. Corrigir o filho com a vara não é espancá-lo ou maltratá-lo. Devemos tratar nossos filhos com dignidade e respeito, encorajando-os e corrigindo-os.

A Palavra corrige! Nunca utilize da vara numa medida que cause danos físicos e psicológicos ou traumas espirituais. Não devemos distorcer a Palavra de Deus, deixando uma impressão de que Ele é carrasco e que seus servos são como agentes dele. A disciplina é uma coisa boa e contribui para o bem-estar e a educação correta do filho espiritual.

OS DEVERES DOS PAIS ESPIRITUAIS

Ao falar de pais espirituais, não me refiro apenas a homens, mas também a mulheres, jovens e idosos. Me refiro a filhos autênticos de Deus. Estamos falando de líderes de célula e discipuladores. Consequentemente, estamos também falando de todos os níveis de liderança que vêm acima destes. Estamos falando de pastores, evangelistas, apóstolos, mestres, profetas, toda a liderança constituída por Deus pode servir como tutor dos novos eleitos do Senhor.

Consideramos que os cristãos que são discípulos e que desejam ser pais espirituais devem empenhar-se para gerar nos filhos espirituais o amor pela Palavra de Deus. A arte da paternidade espiritual é amar, e devemos ensinar aos aspirantes a pais espirituais os atributos e benefícios de amar a Deus e ao próximo.

A Palavra não apenas representa Jesus – ela é Jesus. Isso deve motivar os pais espirituais a estabelecer um vínculo com a igreja, onde poderão servir e interceder pelos seus filhos espirituais, motivando-os através da sua fé, que é sua comunicação pessoal e contínua com Deus.

Dessa forma, o filho logo se tonará um discípulo amado, um verdadeiro exemplo do sucesso da paternidade espiritual (Efésios 3:14-15).

Os pais espirituais devem se esforçar para modelar o seu amor e as suas atitudes para com os seus filhos espirituais. Isso deve ser feito aos moldes de Deus. Assim como vimos, o verdadeiro amor paterno não elimina a disciplina, pois sabemos que o Senhor corrige quem ama. É quando Deus nos corrige que ele nos trata como filhos. Nesses momentos Ele demonstra todo o seu amor e cuidado por nós, não nos permitindo sermos gerados pelos moldes deste mundo, que se assemelham aos moldes do diabo.

O mundo engana com tentações e pecados. Como já vimos, o princípio que se aplica à família biológica também se aplica à família espiritual da fé. Ambas as famílias precisam de amor, disciplina, compreensão e apoio.

Os pais espirituais ajudam os seus filhos a reconhecer, desenvolver e cumprir o potencial que lhes foi dado por Deus. Sua missão é ajudar seus filhos a construir um saudável senso de propósito e identidade, ajudando-os a cumprir seu chamado e missão de vida. Os mentores devem ser como estimuladores e promotores do seu potencial.

Assim como um pai e uma mãe natural, os pais espirituais também demonstram amor, através de carinho, afeição, cuidado, proteção, enfim, tudo que se espera dos pais naturais, e mais um pouco.

Os pais espirituais constroem uma atmosfera de afirmação, segurança e compromisso, para assim assegurar o bem-estar e o êxito dos seus filhos. Treinam e supervisionam os filhos nas primeiras tarefas como a águia que empurra os filhotes do ninho, mas fica observando-os até que eles aprendam a voar.

Pais espirituais fazem a provisão para o futuro dos filhos, investindo tempo de oração e acumulando bênçãos através de palavras proféticas abençoadoras. Os filhos espirituais serão preparados para serem cuidadores e assumirem o ministério da paternidade espiritual, passando o conhecimento e a fé adiante.

Você que tem filhos – ou pretende tê-los –, já pensou em orar, liberando sobre seus filhos aquilo que Deus tem lhe dado? Muitos pais entendem a importância de amar, prover e treinar, mas desconhecem a fundamental importância de transferir unção, bênção e autoridade para seus filhos, para que deem continuidade ao trabalho espiritual.

Assim como os pais naturais de bem buscam ser modelos para seus filhos, os pais espirituais devem se portar da mesma forma. Eles são modelos e exemplos para seus filhos espirituais. Na verdade, não tem como ser um bom pai espiritual se não tivermos um bom exemplo disso. Antes devemos buscar sermos bons filhos espirituais.

Pais espirituais não podem pedir algo dos seus filhos da fé que eles mesmos já não tenham feito ou estejam fazendo, pois verdadeiros pais espirituais confiam e investem antes de verem qualquer resultado. Líderes só ocupam cargos de liderança quando outro líder resolve acreditar e investir

tempo e ensinamentos em sua vida. Os verdadeiros pais enxergam o que seus filhos se tornarão antes deles o serem de fato. É uma visão de fé e confiança, e esse é um ponto chave que faz toda a diferença.

Outros se relacionam com você na base do que você é, como faz um gerente de banco quando o trata como cliente. Os pais espirituais enxergam o potencial e despertam a liderança que está incubada dentro de seus discípulos. Treinam e dão oportunidades para o desenvolvimento de seus filhos espirituais. Investem nos seus sonhos e os apoiam. Os pais espirituais não são dominadores, mas orientadores, e a sua maior arma de influência é o seu próprio exemplo de vida.

Concluimos que os pais espirituais criam seus filhos até ver Cristo formado neles.

A

PATERNIDADES ESPIRITUAIS EQUIVOCADAS

Paternidade Espiritual, é um manto, e este manto representa um ministério, não apenas uma pessoa. É um legado. O manto é determinado por aquele que o veste. A essas pessoas são atribuídas o princípio espiritual de transferência de legado, como se uma benção ou uma herança estivesse sendo liberada para que alguém tomasse posse.

Precisamos rever certos conceitos de paternidade espiritual. Há muitos que confundem autoridade espiritual com autoritarismo e vivem num extremo e doentio ciclo de liderança, criando discípulos que na verdade são parasitas sem amor, mecanizados e escravizados em um sistema monetário. Não são filhos de Deus.

Essas pessoas são homens e mulheres que se vendem por ganância, se voltando para heresias, transformando aquilo que era para ser uma igreja do Senhor em uma empresa, na qual as pessoas são tratadas como números ou mercadorias em vez de serem almas preciosas para o Reino.

Em vez de traçarem metas de salvação de almas para o Reino, vivem um ciclo vicioso, traçando metas financeiras, inclusive instituindo percentuais de dízimos e ofertas a serem alcançados. Criam metas de crescimento como se o Reino de Deus fosse constituído por dinheiro.

Vamos tentar entender isso de uma forma mais clara: essas pessoas que se deixam ser persuadidas por paternidades espirituais equivocadas herdam de seus pais espirituais todos os seus genes espirituais. Ou seja, herdam toda a revolta contida, os resíduos de ódio, a maneira de se portar e de tomar decisões, tudo isso é transferido diretamente para os filhos.

O exercício do amor é destorcido. Essas pessoas não precisam apenas de uma paternidade espiritual sim de um acompanhamento psiquiátrico. Só assim para se limparem e desintoxicarem mentalmente de tudo o que lhes foi inserido goela abaixo. Querem alguém que supra suas carências emocionais originadas em suas más formações precárias e deficientes.

O manto, também chamado de ministério, libera uma unção que autoriza o exercício do chamado. Ele abre o campo de visão profético e inspira palavras de autoridade destravadas através da fé. O ministério conecta os ouvidos espirituais aos céus e transfere um coração de pai para que o filho também o seja. Quem olhar para o filho verá o pai.

Toda pessoa, que está debaixo de um manto precisa se ajustar à medida deste propósito de autoridade. Muitos querem uma cobertura para justificar sua própria desordem, escondendo seus piores erros debaixo da capa de sua cobertura. Saul só queria cobertura para se justificar diante do povo, e não para verdadeiramente honrar Samuel, aquele que exercia a paternidade espiritual sobre ele.

Quem está debaixo de uma capa de autoridade precisa se moldar até se identificar com ela. Saul se preocupava tanto com a opinião das pessoas que não se preocupou com a opinião de Deus. Uma coisa é você ter o manto, outra coisa é estar debaixo dele. Ou seja: uma coisa é você ter o ministério, e outra é exercê-lo com responsabilidade. Comandar alguém segundo os preceitos de Deus é se submeter a uma autoridade. Quando você tem um manto que alimenta seus benefícios egoístas, mas não se submete a ele, quebra o princípio da autoridade do Reino de Deus, que se constitui em hierarquia espiritual.

Enquanto estivermos como filhos debaixo do manto, ou seja, debaixo da paternidade espiritual, teremos a mesma unção dos pais espirituais. O manto traz cura, como nos mostra Marcos 6:56: *“E, onde quer que entrava, ou em cidade, ou aldeias, ou no campo, apresentavam os enfermos nas praças, e rogavam-lhe que os deixasse tocar ao menos na orla da sua roupa; e todos os que lhe tocavam saravam”*.

Nessa passagem, os que tocavam a orla do manto de Jesus eram milagrosamente curados. Aquele era um *tsitsit*, uma indumentária judaica de forte simbologia divina. Quando a mulher do fluxo de sangue tocou as vestes do Senhor Jesus ela o ativou com sua fé. Ao tocar as vestes de Jesus ela ativou a paternidade do Pai, e conseguiu a cura. Isso ocorreu através da fé daquela mulher, que é um exemplo a ser seguido por todos que desejam atrair para si as virtudes, extraindo o melhor de seus pais espirituais.

É disto que o reino de Deus necessita: pais espirituais responsáveis e cheios de unção, que saibam exercer as suas funções e pondo em prática a arte de amar. Não podem ser chefes territoriais sanguíneos e imaturos. Pessoas assim não exercem bem essa função tão honrosa. Correm o risco de serem destituídos pelo próprio Deus não apenas da honra de serem chamados de pais espirituais, mas também do plano da salvação. Quando Deus entrega uma incumbência como essa a uma autoridade ele está lhe entregando um ministério de cuidador espiritual. Isso é algo precioso em que ele mesmo investiu um alto preço, pois pagou por nós com a vida do seu próprio filho.

ENCONTRANDO AS MOTIVAÇÕES CERTAS PARA GERAR FILHOS ESPIRITUAIS

“E, chegando-se Jesus, falou-lhes, dizendo: É-me dado todo o poder no céu e na terra. Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo. Ensinando-os a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos. Amém” (Mateus 28:18-20)

A paternidade espiritual é um princípio divino que tem sido esquecido, mas Deus está novamente chamando a atenção de seus seguidores para a sua importância. A Palavra nos mostra que as bênçãos passam de pai para filho – é assim que as coisas funcionam no Reino de Deus.

Sua paternidade nos passa características fundamentais para exercermos essa função primária, que desde o jardim do Éden foi aplicada primeiramente por Deus.

A falta de intimidade com o Senhor nos impossibilita de gerar filhos espirituais. O relacionamento íntimo entre homens e mulheres é o que permite que os seres humanos gerem filhos. Por isso é de suma importância cultivarmos e mantermos uma ligação de intimidade com o nosso Deus, para que dessa relação íntima e duradoura possamos gerar filhos para o Reino dos céus.

A paternidade, por si só, já é algo de suma importância. Os problemas que enfrentamos na sociedade atual, como a gravidez na adolescência, uso de drogas, falta de estabilidade emocional, vícios, etc., são causados, em grande parte, pela ausência dos pais naturais na vida dos seus filhos.

A ausência de Pais Espirituais tem causado grandes problemas para o Reino de Deus. Essa ausência gera cristãos imaturos, incoerentes, insensatos, acorrentados por vícios e escravos dos pecados de estimação, que os destroem pouco a pouco. Os pecados de estimação matam nossa fé e nos

desvinculam do plano da salvação. São como bebês desamparados, sem ninguém que cuide deles.

“E disseram-lhe: Assim diz Ezequias: Este dia é dia de angústia, de vituperação e de blasfêmia; porque os filhos chegaram ao parto, e não há força para dá-los à luz.”

(2 Reis 19:3)

O profeta Malaquias também fala sobre o tema abordado: *“E ele converterá o coração dos pais aos filhos, e o coração dos*

filhos a seus pais; para que eu não venha, e fira a terra com maldição” (Malaquias 4:6).

Existe um clamor que chama por pais espirituais, por pessoas dispostas a pagar o preço e que atuem como intercessoras espirituais. A intenção de Deus é levantar pais espirituais para ajudar no crescimento desses filhos, a fim de que eles causem um impacto nas famílias, nas novas gerações, na igreja e na sociedade.

Essa restauração da harmonia entre pais e filhos, tanto naturais como espirituais, fará com que essa herança espiritual possa ser transmitida para as próximas gerações.

A motivação certa

É comum que pessoas se sintam frustradas na caminhada do discipulado e do ministério da paternidade espiritual. Essas pessoas se sentem assim por se entregarem a motivações erradas. As pessoas começam o discipulado com um desejo desenfreado de conseguir discípulos e procuram exercer a paternidade espiritual sem preparo, ou por motivos egoístas, visando apenas a si mesmas, e não o bem comum do ministério e dos filhos espirituais.

Às vezes nós precisamos reiniciar nossos discipulados e ministério e recomeçar, desta vez buscando a motivação certa.

A Palavra nos relata a história de uma mulher chamada Ana, casada com um servo de Deus chamado Elcana. Ana era estéril, e a lei judaica dizia que se um marido tivesse uma mulher estéril ele poderia se casar com uma segunda esposa. Sua segunda mulher lhe deu muitos filhos.

Ana era uma mulher frustrada por causa da sua esterilidade. Ela ia todos os anos ao templo e pedia para que Deus lhe desse um filho, pois não se conformava com sua esterilidade.

Da mesma forma, Deus está nos desafiando a gerar muitos filhos na fé, verdadeiros discípulos e filhos espirituais. Para fazer isso, nós precisamos

romper com toda a esterilidade espiritual que há em nós em nosso ministério.

Tomemos este exemplo de Ana, que era uma mulher estéril e que conquistou um milagre diante de Deus. Ela pôde ser mãe de filhos, pois nunca se conformara com aquela situação. Naquela época, ser estéril era uma das piores coisas que poderia acontecer a uma mulher. Para algumas, não poder gerar era pior que a morte. Era uma condição que colocava a mulher em desgraça total. Mulheres estéreis eram tratadas com desprezo pelo marido e pelos familiares.

Vivemos em uma época diferente e podemos contar com a graça de Nosso Senhor Jesus. Ainda assim, como você acha que o Senhor Deus te enxergará se você se conformar em ser estéril espiritualmente? Pior do que quando temos motivações erradas para começar o ministério é quando não temos motivação ou disposição para gerarmos filhos espirituais. Isso faz de nós pessoas estéreis em espírito.

Não podemos isso. Temos que lutar contra a incapacidade de gerarmos filhos espirituais pela fé. A Palavra de Deus nos garante que, sem a fé, jamais conseguiremos atrair a atenção Dele para nós. Sem fé é impossível agradar ao Senhor: *“Ora, sem fé é impossível agradar-lhe; porque é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe, e que é galardoador dos que o buscam”* (Hebreus 11:6).

Ana se levantou e orou ao Senhor. Clamou abundantemente por conta de seu infortúnio (1 Samuel 1:10). A Palavra nos relata que Ana orou e chorou diante de Deus, pedindo por um filho. Sem a fé e sem suas orações, ela não teria conseguido seu milagre.

O mesmo vale para nós. Jesus ensinou os seus discípulos a fazer o mesmo: *“Quando orares, entra no teu quarto e, fechando a porta atrás de ti, ora a teu Pai que está em secreto, e o teu Pai, te recompensará”* (Mateus 6:6). O Senhor estava enfatizando a necessidade de manter um relacionamento pessoal e exclusivo com Ele. *“Toda a boa dádiva e todo o dom perfeito vem do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não há mudança nem sombra de variação”* (Tiago 1:17).

A vida de oração é muito importante para cada líder, e requer que diariamente tenhamos um lugar de quietude, onde possamos estar a sós com Deus, sem que nada nos interrompa. O verdadeiro sucesso espiritual e ministerial fundamenta-se em que cultivemos uma amizade íntima, um relacionamento estreito com Deus através da oração.

Ana foi afrontada pelo sacerdote Eli, que a acusou de estar embriagada. Ela não abriu mão do seu objetivo e continuou orando, motivada pelo desejo de gerar um filho para Deus. Da mesma forma, temos que perseverar pela motivação de gerar filhos espirituais para o Senhor. Não nascemos para sermos infrutíferos. Isso é o que o Diabo mais quer: fazer com que acreditemos ser inúteis e incapacitados, que esse negócio de gerar filhos espirituais é muito difícil. O inimigo não quer que sejamos como ramos frutíferos da videira verdadeira, Ana não encontrou oposição apenas de Eli. Penina, a segunda esposa de seu marido, também a atormentava constantemente.

Jesus nos chamou para fazermos discípulos, para darmos à luz a filhos espirituais. Devemos levantar as nossas cabeças e não nos curvamos à oposição da nossa vida espiritual e ministerial. A Palavra declara: *“Eis que os filhos são herança do Senhor, e o fruto do ventre o seu galardão. Como flechas na mão de um homem poderoso, assim são os filhos da mocidade. Bem-aventurado o homem que enche deles a sua aljava; não serão confundidos, mas falarão com os seus inimigos à porta”* (Salmos 127:3-5).

Ana tinha as motivações certas para frutificar. Ela não queria um filho para se exaltar ou se glorificar, mas para oferecê-lo ao Senhor. Seu desejo era existir para o Senhor. Ela já era uma mulher de Deus, e trazia em seu coração o desejo e a consciência de que deveria honrá-lo com um filho. Deus concedeu o milagre a Ana, e não apenas um filho que ela deveria entregar ao Senhor em forma de gratidão, mas vários outros filhos: *“Visitou, pois, o Senhor a Ana, que concebeu, e deu à luz três filhos e duas filhas; e o jovem Samuel crescia diante do Senhor”* (1 Samuel 2:21).

Converter vidas é a maior oferta que podemos dar ao Senhor. Jesus disse: *“Nisto é glorificado meu Pai, que deis muito fruto; e assim sereis meus*

discípulos” (João 15:8).

Fomos chamados para gerar filhos na fé, ou seja, para fazer discípulos. Deus está interessado na nossa reprodução espiritual, pois quer que nos tornemos e sejamos pais espirituais. Ele espera que sejamos capazes de gerar muitos filhos para que o nome Dele seja glorificado através de nós e de nossos frutos.

Não existe propósito ou motivação maior ou mais sublime do que agradar e glorificar a Deus.

Se amamos e exercemos a arte de amar através da paternidade espiritual, é somente porque Ele nos amou antes. Primeiro aprendemos com Ele, que desde o princípio exerceu a sua paternidade espiritual sobre nós, através de Cristo. Por isso o exaltamos e proclamamos o seu nome. Jesus disse: *“Manifestei o teu nome aos homens que me deste do mundo”* (João 17:6). Jesus está dizendo que, como líder e discipulador, não estava manifestando o próprio nome, mas sim o de Deus, pois Ele sempre apontava para o Pai.

A nossa motivação de frutificação deve ser para a glória do Pai das luzes. Devemos sempre apontar para Ele e saber que Ele é quem deve ser glorificado. Seu nome está sendo envergonhado quando não estamos gerando filhos espirituais. Estamos desonrando aquele que nos comprou com o sangue de seu precioso filho.

Obediência ao Senhor demonstra obediência à Palavra de Deus, ou seja, aos ensinamentos que Ele deixou para que todo aquele que se colocasse como discípulo verdadeiro de Cristo pudesse seguir a fim de conquistar um lugar no Paraíso após a sua passagem por essa terra.

GERANDO FILHOS ESPIRITUAIS

“Meus filhinhos, por quem de novo sinto as dores de parto, até que Cristo seja formado em vós.”

(Gálatas 4:19)

Algumas mulheres têm filho naturais, outras não. Ter ou não filhos naturais não impede uma mulher de ser mãe espiritual. Mulheres também podem gerar filhos espirituais. Paulo vivenciou isso como pai: *“Meus filhinhos, por quem de novo sinto as dores de parto, até que Cristo seja formado em vós”* (Gálatas 4:19).

Vale a pena ressaltarmos este maravilhoso versículo. Paulo descreve a sua dor, comparando-a com a dor de uma mãe em gestação. Mesmo que um homem ou uma mulher sejam estéreis, saiba que ainda assim podemos ter centenas de milhares de filhos espirituais. Não há limite.

Quando o assunto se refere ao mundo espiritual, vale ressaltar que o privilégio de gerar filhos não é exclusivo das mulheres. No fim de sua vida, Paulo escreveu na prisão uma carta endereçada a Filemom. Ele disse *“Prefiro, todavia, solicitar em nome do amor, sendo o que sou, Paulo, o velho e, agora, até prisioneiro de Cristo Jesus, sim, solicito-te, em favor de meu filho Onésimo, que gerei entre algemas.”* (Filemom 1:9-10).

O apóstolo Paulo gerou filhos espirituais mesmo encarcerado e velho. Quando Deus fez a promessa a Abraão de que ele seria pai de multidões, esse homem não tinha nenhum filho e já estava com mais de 70 anos. Deus realizou um milagre e deu filhos para Abraão e Sara, depois de longos anos de esperança e dor. Você também pode crer que a sua história terá um novo capítulo escrito por Deus. Essa maravilhosa revelação encheu o seu coração de conhecimento e esperança, e agora você sabe que pode ser um pai ou mãe espiritual. A paternidade espiritual não distingue entre raça e cor. Brancos e negros, brasileiros ou estrangeiros, todos temos capacidade de ser e gerar todo tipo de filho espiritual. Não há limites quando nos voltamos para a vida

espiritual e assumimos a nossa identidade de pais espirituais: *“Canta alegremente, ó estéril, que não deste à luz; rompe em cântico, e exclama com alegria, tu que não tiveste o prazer de dizer que sofrestes dores de parto, porque mais são os filhos da mulher solitária, do que os filhos da casada, diz o Senhor dos exércitos”* (Isaías 54:1).

Alguns segredos para gerar filhos espirituais Além da arte de amar

O maior objetivo da Igreja como Corpo de Cristo é gerar filhos espirituais e discípulos verdadeiros para a glória do

Nome do Senhor. A Palavra de Deus nos fala sobre quatro segredos para gerar filhos espirituais:

“Amplia o lugar da tua tenda, e estendam-se as cortinas das tuas habitações; não o impeça; alonga as tuas cordas, e fixa bem as tuas estacas. Porque transbordarás para a direita e para a esquerda; e a tua descendência possuirá os gentios e fará que sejam habitadas as cidades assoladas. Não temas, porque não serás envergonhada; e não te envergonhes, porque não serás humilhada; antes te esquecerás da vergonha da tua mocidade, e não te lembrarás mais do opróbrio da tua viuvez. Porque o teu Criador é o teu marido; o Senhor dos Exércitos é o seu nome; e o Santo de Israel é o teu Redentor; que é chamado o Deus de toda a terra.”

(Isaías 54:2-5)

O Senhor Deus, está declamando uma Palavra profética para a nação de Israel que nunca deixou de ser atual:

1 – Declare o nascimento dos filhos espirituais pela fé

É preciso que se declare, diariamente, que esses filhos nascerão em breve. A Palavra conta a história de uma mulher que ainda não dera à luz e não tivera o orgulho de dizer que sentira as dores do parto. O conselho dado para ela era de que se alegrasse pelo nascimento que estava por vir. Esta é a atitude profética que precisa ser exercida por quem deseja gerar filhos espirituais.

Precisamos agradecer a Deus por aquilo que ainda não temos, mas que sabemos que receberemos através de nossa fé. Agradeça ao Senhor por aquilo que você crê que será seu.

É de suma importância que declaremos sobre nossas vidas uma Palavra profética que nos arremeta o sucesso na paternidade espiritual.

2 – Estender as cortinas

As cortinas eram as coberturas das tendas. Para gerar filhos espirituais a igreja precisa de pessoas que tenham bases sólidas e princípios firmados na verdade absoluta, que é a Palavra de Deus. É indispensável estar sob a cobertura dessas pessoas.

A Palavra nos dá autoridade para falar, ministrar e profetizar. Os filhos espirituais em potencial devem ser capazes de gerar novos filhos espirituais para o Reino de Deus.

Jesus foi essa cobertura para os discípulos. Cristo os tornou capazes de gerar filhos espirituais. O apóstolo Paulo foi essa cobertura para Timóteo e outros. Esses pais espirituais educaram filhos que também acabaram se tornando pais.

3 – Alonga as suas cordas

As cordas eram utilizadas para amarrar as estacas que firmavam as barracas.

Falar de cordas neste contexto é falar de amarração. É preciso que se tenha bons relacionamentos com as pessoas ao seu redor para gerar filhos espirituais. As pessoas que mais geram filhos são as que se relacionam bem. Faça uma autoanálise para saber se essa habilidade foi ou não desenvolvida na sua vida.

Seja uma pessoa aberta a relacionamentos e esteja sempre em comunhão com os outros. Os relacionamentos fazem com que alcancemos mais e mais pessoas, e assim as cordas se alongam. Quanto mais pessoas conhecemos, mais longa a corda se torna.

Essas cordas são chamadas por Deus de cordas humanas: *“Atraí-os com cordas humanas, com laços de amor, e fui para eles como os que tiram o jugo de sobre as suas queixadas, e lhes dei mantimento”* (Oséias 11:4).

4 – Firme bem as suas estacas

Firmar as estacas significa dar firmeza para a casa receber a sua família. As estacas dão a segurança necessária para receber os filhos que nascerão sob sua cobertura.

Um pai espiritual deve ter certeza de que a sua estrutura é firme, que seu relacionamento com Deus é íntimo e verdadeiro. Principalmente, deve atestar sobre a força do seu chamado pessoal e de seu ministério.

Sem ter essas certezas, é impossível gerar pais espirituais pela fé, pois com toda certeza a pessoa não se sentiria consolidada a ponto de assumir a responsabilidade da paternidade espiritual.

Líderes que não possuem essas certezas estarão em perigo, pois seu ministério é instável. Podem acabar querendo abrir mão do seu chamado ministerial e da igreja. As pessoas que se dispõem a ser usadas por Deus devem aceitar ser usadas como laços de amor.

A IMPORTÂNCIA DA PATERNIDADE ESPIRITUAL

“Não escrevo estas coisas para vos envergonhar; mas admoesto-vos como meus filhos amados. Porque ainda que tivésseis dez mil aios em Cristo, não teríeis, contudo, muitos pais; porque eu pelo evangelho vos gerei em Jesus Cristo. Admoesto-vos, portanto, a que sejais meus imitadores. Por esta causa vos mandei Timóteo, que é meu filho amado, e fiel no Senhor, o qual vos lembrará os meus caminhos em Cristo, como por toda a parte ensino em cada igreja” (1 Coríntios 4:14-17)

Na carta de Paulo aos Coríntios, especialmente nesse capítulo, Paulo trata os membros da igreja como filhos amados e apresenta-se como pai espiritual. Você pode não ser um pai biológico, mas você pode ser um pai espiritual de multidões por Cristo Jesus.

O nosso grande objetivo como igreja é que cada membro possa tornar-se pai e mãe espiritual de muitas pessoas. Queremos ser uma igreja de pais que amem, acolham e cuidem bem dos seus filhos espirituais, pois somos filhos amados de Deus. Como líderes e, ao mesmo tempo, como liderados, somos pais e filhos espirituais. Por isso nos preocupamos com os filhos que o Pai das luzes nos entregou.

Há uma necessidade não apenas de ministrar a Palavra de Deus, mas de praticá-la e fazer justiça ao que ela prega. A Palavra é empregada como estudo residencial, mas muitas vezes não é praticada.

Você já sabe onde seu discípulo mora? Qual foi a última vez que você o visitou? Você sabe se ele está passando por alguma necessidade? Dentro do possível, o que você tem feito para ajudá-lo? Como tem sido o discipulado entre vocês? Vocês têm orado juntos? Como vocês têm encarado esse relacionamento mais íntimo que é o sistema da paternidade espiritual? Discipulador, você tem se sentido pressionado pelas responsabilidades? Discípulo, você tem se sentido à vontade com o exercício da paternidade espiritual na sua vida?

Essas e outras questões precisam ser respondidas e entendidas. A função do discipulador, como pai espiritual, é saber como e por onde caminham seus frutos, ou seja, os seus filhos espirituais. Por onde andam seus discípulos? Quanto tempo faz que eles não falam e não frequentam o culto? São batizados? Participam da ceia do Senhor e das reuniões de liderança? Se você não consegue discipular duas ou três pessoas, como conseguirá exercer a paternidade espiritual sobre a multidão que Deus tem para lhe entregar?

Pense nisso e reveja os seus conceitos a fim de ter um melhor desempenho no trabalho que Deus lhe deu.

Deus ainda está procurando pais espirituais que assumam o seu legado.

A paternidade sempre foi o caminho que Deus utilizou para manifestar o seu cuidado na vida dos homens. Ele cuida de nós desde o pecado de Adão, que foi o que causou a queda de todas as pessoas neste mundo. Toda injustiça nasceu através de um homem, e se alastrou para todos os humanos. Deus encontrou um homem justo e decide recomeçar uma nova sociedade. O Senhor sempre precisa de uma semente para recomeçar algo que se deteriorou. A semente do homem justo foi preservada através de Noé (Gênesis 6). No entanto, anos depois, a semente de Noé comete injustiças, e Deus precisa recomeçar.

Deus chama um homem, Abraão, e começa com ele uma nova família de homens justos, que viveriam pela fé em Deus (Gênesis 12). Através de Abraão, Deus levanta uma nova geração através de um de seus filhos, Isaque. Essa linhagem de justos continua através de Jacó. Anos depois, essa nação estava escravizada no Egito, e Deus procura novos pais para erguer uma nova geração de justiça.

Deus encontra um casal de pessoas tementes a Deus no meio de milhares de escravos. Este casal estava disposto a gerar um filho da justiça para que Ele pudesse usar naqueles dias. Deus encontra Anrão e Joquebede, pais de Miriam, Arão e Moisés. Esse casal exerceu, além da paternidade natural, a paternidade espiritual sobre Moisés. Eles cuidaram e geraram no coração de Moisés os valores da justiça de Deus. Moisés aprendeu com seus pais que ele era um hebreu, não um egípcio. Quando cresceu, Moisés foi levado para a

casa da filha de faraó, e lá ele passou a ser criado em um ambiente de injustiças. Mesmo assim ele guardou os ensinamentos e o exemplo de vida justa de seus pais, dos poucos anos que passou ao lado de sua mãe.

Moisés precisou de pais justos para aprender a justiça de Deus, e Deus precisou de um homem justo que pudesse julgar as injustiças do Egito. Deus não podia exercer justiça no mundo sem que primeiro encontrasse homens justos. Deus levantaria os filhos dos pais justos para manifestar o juízo do Senhor contra o mundo.

Deus procurou um casal de justos para cuidar do seu Filho, e encontrou José e Maria. Até mesmo o Filho de Deus precisou de pais justos que pudessem exercer paternidade sobre a sua vida. A infância de Jesus foi igual à de todas as crianças. Isso deixa claro que todos precisam de pais justos para que possam ser criados corretamente e cumprir o propósito de Deus para suas vidas, sendo instrumentos Dele para o mundo. Isso só confirma que Deus não pode criar filhos justos neste mundo sem primeiro encontrar pais justos. Tudo se ergue ou cai a partir da paternidade, Deus precisa de pais espirituais que deem continuidade ao seu legado de amor e cuidado.

“Cada homem [pai e mãe] será como um esconderijo contra o vento e um abrigo contra a tempestade, como correntes

de água numa terra seca e como a sombra de uma grande rocha no deserto.”

(Isaías 32:2)

A ideia de Deus de um reino de justiça começa com pais que se posicionam como um esconderijo e um abrigo para suas famílias. Esses pais espirituais são chamados para suprir as necessidades físicas, emocionais e espirituais dos seus filhos espirituais. O sistema mundano de consumo, vícios e prazeres pecaminosos tem se tornado um tsunami que vai de encontro às nossas famílias, tanto as naturais quanto as de fé. As crianças estão sendo expostas a todo tipo de depravação moral através da internet e da televisão. O papel dos pais é proteger os seus filhos até que eles cresçam e aprendam a lidar com essas situações difíceis da vida.

Somos filhos do Senhor que governam como príncipes do Reino de Deus e precisamos exercer esse governo com sabedoria, diligência e autoridade.

Deus precisa de pais espirituais como Anrão e Joquebede, que tomaram posicionamento contra as estruturas satânicas do Egito e não entregaram Moisés para ser morto.

O casal, movido por Deus, teve a ideia de construir um cesto de junco e soltar o pequeno Moisés no rio Nilo. Eles tiveram fé o suficiente para acreditar que aquele menino era um projeto de Deus, e que o próprio Deus iria protegê-lo de feras e da ira do Faraó. Os pais de Moisés conheciam os planos de Deus para a vida do menino. São pais como esses que Deus deseja levantar nos nossos dias: pais espirituais que não se dobram aos decretos do faraó espiritual de nossos dias, que é Satanás. O inimigo continua batendo em nossas portas para destruir os nossos filhos, pois ele sabe que o crescimento saudável de nossos filhos irá produzir um grande exército de libertadores espirituais no mundo. Pais, despertem! Prestem atenção no quanto Deus precisa de você para cuidar da próxima geração!

Além de serem um abrigo, os pais também devem ser como uma fonte de água em um deserto. Quando uma pessoa está caminhando em um deserto e começa a sentir sede, logo ela só consegue pensar em água, bem gelada. Vivemos numa região onde a água é abundante e não sabemos dar o devido valor a esse bem tão precioso. Em um deserto, a água é mais importante do que qualquer tipo de comida.

Isso acontece com muitos filhos. Eles vivem em lares que são verdadeiros desertos de amor, graça, perdão e paz. Os filhos podem ter comida, roupas, celulares e afins, mas não têm o mais importante: uma paternidade verdadeira. Suas almas estão sedentas de amor, carinho, atenção, abraços, elogios e outras coisas que apenas uma paternidade verdadeira pode oferecer.

Será que estamos saciando os nossos filhos, ou será que estamos deixando-os morrer de sede no deserto da sequidão da atenção paternal? Esse é o motivo pelo qual muitos desses filhos, ao chegar à adolescência, começam a descobrir que suas vidas são um deserto de privações. Logo esses jovens encontram falsas amizades e prazeres ilícitos, buscando alegrias momentâneas. Eles se atiram no pecado e abandonam os pais.

Muitos desses filhos não voltam mais para casa, pois morreram afogados

em um poço de águas envenenadas que ludibriou suas mentes. Esses jovens se deixaram seduzir por não possuir uma estrutura paterna. Às vezes isso nem é culpa de seus pais, mas de filhos desobedientes que preferiram viver sem obrigação.

Muitos pais se julgam irresponsáveis e incapazes por não terem conseguido manter os seus filhos no caminho certo. Existem casos de filhos – naturais e espirituais – que nunca cresceram psicologicamente por conta da falta de alimento espiritual. Por falta de amor esses filhos desenvolveram um bloqueio, que lhes causou depressão.

Estes filhos podem estar ao lado de pais desatentos e sem compromisso verdadeiro. É assim que esse mundo se transformou no que vemos hoje.

A sociedade e alguns políticos pensam que é criando mais cadeias e colocando mais policiais nas ruas que iremos resolver essa situação. Isso é um engano, uma mentira do Diabo. A resposta para tudo isso está dentro das famílias. Somente pais e mães realmente comprometidos com o sucesso de seus filhos, sendo eles naturais ou espirituais, poderão mudar essa história.

Pais, Deus nos chamou para sermos como um rio de vida e uma grande rocha de sombra, proteção e segurança para os nossos filhos. É comum encontrarmos pais “religiosos”, que se dizem cristãos só por estarem indo para um templo nos finais de semana com seus filhos. Esses pais acham que isso é suficiente.

A verdade é que as crianças, tanto as naturais quanto as espirituais, ainda não sabem olhar para Deus ou entender a Palavra, Essas crianças olham para você e para a forma como você as trata. Elas não desejam um abraço espiritual de Deus, mas sim um abraço de seus pais. É por isso que Deus confiou filhos a você. Se as pessoas crescessem saudáveis sozinhas, por que você acha que Deus teria criado a ideia de pais e famílias? Saiba que até o próprio Filho de Deus, que era perfeito e não tinha a natureza terrena, sendo gerado e assistido diretamente pelo Espírito Santo, precisou de pais comprometidos com Deus que lhe nutrissem como uma criança comum. Deus já sabia que nada e nem ninguém poderia substituir o papel dos pais na vida do seu filho Jesus.

“Então os olhos dos que veem não estarão mais fechados, e os ouvidos dos que ouvem escutarão. A mente do precipitado saberá julgar, e a língua gaguejante falará com facilidade e clareza.”

(Isaías 32:3-4)

Que rica revelação Deus está nos dando! O profeta Isaías está dizendo que, enquanto a justiça reinar na terra, até os cegos emocionais e espirituais enxergarão. Os ouvidos emocionais e espirituais dos surdos ouvirão, e os filhos precipitados saberão julgar as coisas com sabedoria. Os gogos terão sua fala restaurada e falarão com clareza.

Vejamos quantos milagres nós, como pais espirituais, poderemos fazer. O apóstolo Luiz Hermínio fala de dois tempos de Jesus: o Jesus que operou antes da ressurreição e o Cristo ressurreto. O Jesus de antes da ressurreição fez milagres para os homens, mas o Cristo ressurreto fará milagres através dos homens. Isso também é verdade para os pais espirituais. Muitos milagres foram operados por Jesus, mas agora ele quer ressuscitar espiritualmente os pais mortos.

Pais, saibam que nós temos a autoridade e o poder dos céus para fazermos milagres, em nome de Jesus.

Devemos pensar em nossos filhos espirituais e naturais e nos preocuparmos com os nossos comportamentos diante deles. Os filhos pequenos não sabem o que é errado no comportamento de seus pais e copiam a forma como foram criados. Logo esses filhos crescem e o espelho dos comportamentos ruins que foram presenciados aparece. A sociedade verá aquilo que os pais geraram na vida de seus filhos.

Pais insensatos são aqueles que se preocupam mais com riquezas materiais e com suas profissões e status do que com seus filhos. A grande maioria desses pais construiu grandes patrimônios materiais, mas não consegue gerar grandes famílias. São pais que fracassaram por não entenderem que “os filhos é que são herança do Senhor para um homem” (Salmos 127:3).

Não quero condenar os pais por causa de filhos que cresceram e decidiram por si mesmos andar por caminhos tortuosos. A própria Palavra diz que é possível que alguns filhos se desviem dos bons ensinamentos de seus pais. Mas um

dia eles voltarão, e isso é promessa. A Palavra nos garante que: “Portanto, meus amados irmãos, sede firmes e constantes, sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que o vosso trabalho não é vão no Senhor” (1 Coríntios 15:58).

Cada pai e mãe espiritual precisa cumprir com a sua responsabilidade de pais e deixar o restante nas mãos de Deus. Creio que pais persuasivos, que são a favor da Palavra do Senhor, trarão a justiça de Deus sobre seus filhos que se apartaram para longe de suas famílias espirituais por rebeldia.

“Mas o homem nobre faz planos nobres, e graças aos seus feitos nobres permanece firme” (Isaías 32:8).

Esse homem nobre é maduro e responsável com a sua família. É um homem que sabe compreender o propósito de Deus para sua vida neste mundo. Esse homem sabe que um dos principais propósitos de Deus para o mundo é encontrar pais espirituais que consigam viver e ensinar com responsabilidade os princípios Dele aos seus filhos.

Sempre que lemos a Palavra de Deus, e conseqüentemente analisamos as histórias contidas nela, nós percebemos que Deus sempre procurou pais espirituais responsáveis e tementes à sua Palavra para constituir uma nova geração de pessoas para arrebataram deste mundo mais almas propensas à salvação.

Na história de Israel, lemos que o povo vivia em tempos prósperos e seguros quando tinha um rei temente a Deus, mas que esse mesmo povo sofreu quando um rei ímpio reinou sobre a nação.

Muitas gerações foram destruídas por reis ímpios no poder. Muitos pais espirituais têm destruído gerações por estarem ocupando de forma irresponsável uma posição tão importante, que é a autoridade na vida das pessoas que foram confiadas a eles. Um pai espiritual representa aquele que pode erguer a vida de uma pessoa de maneira sobrenatural, através do poder de Deus, mas essa pessoa também pode destruir através de uma má influência direta.

Exercer a paternidade espiritual é exercer influência de forma ativa na vida das pessoas. Pai espiritual não pode ser apenas um título bonito que alguém almejou e conseguiu. Como já vimos, a paternidade espiritual é muito mais do que apenas um título a ser usado: é uma vida de amor e dedicação aos seus filhos na fé.

Em Mateus 23:9, Jesus repreende os líderes de sua época que utilizavam o título de “mestres” e “pais” de forma abusiva, apenas para sustentar uma falsa posição de religiosidade. A crítica de Jesus era que eles desejavam ser reconhecidos como líderes, mas não praticavam o que pregavam. Não tinham atitudes de verdadeiros líderes, mas de opressores (Mateus 23:3).

Não precisamos levantar pais espirituais apenas para dizer que os temos. Não faz mal a nós fazermos uso da expressão “pais espirituais”, desde que pratiquemos o amor, o cuidado, o serviço e o ensino no dia a dia. Pais espirituais não devem ser hipócritas.

RETÓRICA

O ministério da paternidade espiritual, nos eleva a um patamar de autoridade sobre outras pessoas.

No entanto, é importante saber que pai só existe um: aquele Pai que está nos céus. A Palavra de Deus nos orienta e nos adverte a não termos nenhum outro pai. A paternidade espiritual está coberta pela liderança e pela função da paternidade sobre uma nova geração, que outrora vivia desviada dos caminhos do Senhor. Contudo essa geração teve um encontro com Cristo Jesus e precisa de amparo, pois já não pode mais andar sozinha.

Neste livro procurei explicar, dentro de uma linha de raciocínio clara, a arte da paternidade espiritual. Ou seja, tentei explicar a arte do amor de Deus. Escrevi sobre usar esse amor em nossas vidas e em nosso discipulado, que deve ser ativo e responsável. Além disso, o discipulador deve se aproximar do discípulo e aprimorar suas técnicas, tornando seu ministério mais ativo e eficaz.

Os filhos espirituais são homens e mulheres, jovens e velhos que sabem o que querem: eles desejam um relacionamento com Jesus, querem conhecer mais da Palavra. No entanto, pode ser que ainda não saibam como se aproximar de Jesus.

Essas pessoas estão renascendo e são vistas por Deus como crianças espirituais, que ainda não sabem andar pela fé ou se defenderem espiritualmente. Suas vidas foram zeradas, independentemente de idade ou condição social. Esses filhos espirituais são como crianças indefesas na nova caminhada, e precisam de cuidados especiais.

Há um pai muito zeloso e ciumento que ama essas crianças. Ele é capaz de fazer o impossível, e pagou um preço alto por nossas almas. Ele faria de tudo para nos defender.

Tutores e cuidadores espirituais, exerçam corretamente as suas funções delegadas por Deus. Façam tudo com amor e altruísmo, sem esperar algo em troca. Tenha em si a certeza de que nosso Deus não deve nada a ninguém. Está escrito: *“Portanto, meus amados irmãos, mantenham-se firmes, e que*

nada os abale. Sejam sempre dedicados à obra do Senhor, pois vocês sabem que, no Senhor, o trabalho de vocês não será inútil” (1 Coríntios 15:58).

Compartilhe suas impressões de leitura escrevendo para:
contato@autordafe.com.br

www.autordafe.com.br

